



Santuário de São Bento da Porta Aberta: materialidades, memórias e afetos

Sanctuary of São Bento da Porta Aberta: Materialities, memories and affections

*Claudia Danielle de Andrade Ritz**

Resumo: O santuário São Bento da Porta Aberta está localizado no parque dos Gerês, na região do Minho, em Portugal. Este artigo objetiva refletir sobre a vivência religiosa a partir das materialidades, ou seja, a relação entre a religião e a imanência das coisas no santuário de São Bento da Porta Aberta. Nossa hipótese é que as vivências religiosas no santuário de São Bento da Porta Aberta são sobretudo concretizadas por meio da relação entre espaço religioso, pessoas e coisas, no enlace de afetos. As materialidades são compreendidas neste estudo como objetos que expressam a afeição daquelas pessoas por aquele Santo na vivência religiosa, ou seja, não são apenas símbolos religiosos. A metodologia utilizada na pesquisa foi exploratória e mista, composta por referencial teórico e etnografia realizada por meio de observação participante. Concluímos que a materialidade da religião no santuário São Bento da Porta Aberta é evidenciada na relação com a imagem de São Bento que atrai o toque afetivo das pessoas, nos muitos ex-votos levados ao Santuário, nas oferendas, nos presentes variados, e, especialmente, nas flores cravos entregues com singeleza e afeto.

Palavras-chave: Religião material. Santuário de São Bento da Porta Aberta. Memórias e afetos. Espiritualidade. Vivência religiosa.

Abstract: The Sanctuary of São Bento da Porta Aberta is located in Gerês Park in the Minho region of Portugal. This article explores the religious experience through the lens of materiality, specifically examining the relationship between religion and the immanence of objects within the Sanctuary of São Bento da Porta Aberta. We hypothesize that religious experiences at the Sanctuary are primarily shaped by the interplay of space, people, and objects, all connected through shared affections. In this study, materialities are understood as objects that embody the devotion of individuals to the Saint, transcending mere religious symbolism. The research methodology was exploratory and mixed, combining theoretical frameworks with ethnography, including participant observation. We conclude that the materiality of religion at the São Bento da Porta Aberta Sanctuary is manifested in the emotional connection to the image of São Bento, the numerous ex-votos brought to the Sanctuary, the offerings, the diverse gifts, and, notably, the carnation flowers presented with simplicity and heartfelt affection.

Keywords: Material religion. Sanctuary of São Bento da Porta Aberta. Memories and affections. Spirituality. Religious experience.

* Contato: claudiaritz7@gmail.com – ORCID: 0000-0002-1779-2329. Doutora em Ciências da Religião (PUC Minas, Belo Horizonte-MG). Doutora em Estudos da Religião (UCP, Portugal). Membro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura da PUC Minas

Introdução

Este artigo apresenta o santuário São Bento da Porta Aberta, situado na região norte de Portugal. A religião material, adotada neste artigo como perspectiva teórico-metodológica, considera que “as coisas, seus usos, sua valoração e seu apelo não são algo adicionado à religião, mas, em vez disso, inseparável dela (Meyer, 2011, p. 209). A observação participante e a posterior análise se estruturaram nos pressupostos das materialidades. Para tanto, realizamos pesquisas bibliográfica e a observação participante (Chauvin; Jounin, 2015). A pesquisa bibliográfica considerou os referenciais teóricos acerca da religião material e estudos de pesquisadores, incluindo estudos realizados por portugueses/as relativos ao santuário de São Bento da Porta Aberta.

A observação participante ocorreu em 3 fevereiro de 2024 no santuário São Bento da Porta Aberta, e foi uma metodologia profícua de valer-se da corporeidade, dos sentidos e das emoções da pesquisadora observadora, na compreensão da relação dos corpos, materialidades e espaços¹ das vivências materiais e religiosas. Assim, as pessoas na completude de sentidos, é destacado de modo integral na observação participante, sendo possível ver, ouvir, tocar e sentir o fenômeno religioso juntamente e em sua eferescência de sentidos. Durante a observação participante não transcorreu celebração litúrgica por sacerdotes católicos, embora o santuário tenha uma significativa agenda de eventos, romarias e festas. Observamos a espontaneidade e a mobilidade de pessoas e peregrinos² nas respectivas materialidades e vivências³.

Santuário São Bento da Porta Aberta: a porta que está sempre aberta

O santuário está localizado na freguesia de Rio Caldo, município de Terras de Bouro, na Serra do Gerês, na região Norte de Portugal, sendo um dos mais visitado em Portugal. Sua história remonta ao ano de 1614, quando foi construída uma ermida por uma necessidade local. Em 1614, o reverendo cônego Miguel Pinheiro Figueira “[...] foi à de Rio Caldo, onde verificou que a Seara da Forcadela ficava muito distante da igreja paroquial, o que tornava difícil a administração dos sacramentos aos seus moradores (Arquivo Distrital de Braga, Registo Geral, fl. 64 v.)” (Santuário, 2024). Em 1758, a ermida já havia se tornado o centro de grande devoção. Em meados do século XIX, a capela foi substituída por ampla igreja, cuja construção iniciou-se em 1880 e foi concluída em 1895.

Com o passar do tempo, percebeu-se que as dimensões da basílica, outrora capela, careceria de ampliação. Em 1949, foi recebida uma relíquia de São Bento, um fragmento de osso, que foi enviada ao santuário pela Santa Sé Apostólica e, desde 2017, está em exposição permanente no altar-mor da basílica de São Bento da Porta Aberta, permitindo a veneração diária pelos fiéis que visitarem o santuário. Decidiu-se, em 1994, por uma nova construção a ser localizada em espaço próximo. A inauguração do novo

1 Consideramos espaço a partir da abordagens de Kim Knott (2005a, 2005b) e Juhani Pallasmaa (2011).

2 Para estudo antropológicos sobre peregrinos e turismo religioso, veja-se Steil, 2003.

3 Para estudo das materialidades e práticas veja-se Ammerman, 2021.

espaço, projeto do arquiteto Luís Cunha (Santuário, 2024), ocorreu em 1998, mas o término se concretizou em 2002, sendo nomeada como cripta. No claustro da cripta há quatro imagens: S. Bernardo de Claraval, Santa Escolástica, Santa Gertrudes e S. Gregório Magno. Na entrada da cripta encontram-se S. Rosendo e de S. Geraldo (monge beneditino e arcebispo de Braga) da autoria do escultor António Pacheco (Santuário, 2024). Em 21 de março de 2015, na comemoração dos 400 anos do santuário, a capela foi elevada à categoria de basílica pelo papa Francisco, a pedido do arcebispo de Braga e primaz das Espanhas, D. Jorge Ortiga. No dia 05 de junho de 1999, foi nomeado arcebispo de Braga. Poucos dias depois, recebe o "Palium" de metropolita das mãos do papa João Paulo II, a 29 de junho no Vaticano, tomando posse como arcebispo a 18 de julho na Sé Catedral de Braga. Nas palavras de Ortiga: "Que eu seja digno da herança que recebo das figuras gloriosas que presidiram a esta nobre Arquidiocese de Braga".

Foto 1: Fachada da Basílica menor de São Bento da Porta Aberta (2024)



Fonte: Foto do site do Santuário, 2024.

Foto 2 – Fachada da cripta de São Bento da Porta Aberta (2024)



Fonte: Foto da autora, 2024.

O santuário está próximo a um mosteiro da Ordem Cisterciense, única comunidade em Portugal de monjas Cister, que é Mariana, mas a inspiração é a regra de São Bento, também sob o lema: *Ora et Labora*, isto é, Orar e Trabalhar. Há no santuário uma pequena comunidade monástica, única em Portugal, de monjas de Cister. “A sua tradição monástica vem do século VI com o Nosso Pai São Bento, de quem são herdeiras. A Ordem de Cister nasceu na França é Mariana.” (Santuário, 2024). Há também a Irmandade de São Bento da Porta Aberta, constituída em 12 de novembro de 1899. “A gestão da Irmandade é realizada por uma Mesa Administrativa nomeada pelo Senhor Arcebispo de Braga, Dom Jorge Ortiga. A Irmandade de S. Bento da Porta Aberta foi constituída a 12 de novembro de 1899 [...]”. (Santuário, 2024). São Bento é um santo devotado em Portugal e considerado um dos patronos da Europa. Foram muitos os papas que manifestaram elogios à regra e herança religiosa de S. Bento. Cita-se: Pio XII, Paulo VI ou S. João Paulo II e Bento XVI.

Em Portugal há outros santuários dedicados a São Bento – São Bento (Santo Tirso), São Bento das Pêras (Vizela) e o São Bento da Porta Aberta (Terras de Bouro), os quais atraem, além de peregrinações, a visitação de pessoas de várias localidades. Há um destaque de peregrinação e visitação ao santuário de São Bento da Porta Aberta.

Este artigo abordará especificamente o santuário de São Bento da porta Aberta, o segundo santuário mais visitado de Portugal, sendo o primeiro o santuário de Fátima. São Bento nasceu em Núrsia no ano de 480 (Santuário, 2024). O santuário está localizado na Serra do Gerês, local de natureza exuberante, revelando a serenidade da região do Minho, sendo convidativa ao silêncio e contemplação. O Minho é uma região ao Norte de Portugal. É por causa do Rio Minho que a região do Minho tem esse nome. O rio nasce na Galiza (Espanha) e percorre pouco mais de 300 km até desaguar no Oceano Atlântico. Até a metade do século XX, o rio Minho foi o mais importante viveiro de peixes da Península Ibérica. Aliás, no santuário há muito silêncio, embora haja movimentação de pessoas, rememorando a ordem beneditina, que é de clausura monástica. É atribuída a São Bento, importante trecho da história do mosteiros religiosos católicos do ocidente. A regras de São Bento, são as regras, que dirigem os costumes daqueles que as seguem e obedecem. Assim, de maneira concisa, a Ordem Religiosa Beneditina segue as regras de São Bento. O documento no capítulo 66, aduz “Seja, porém, o mosteiro, se possível, construído de tal modo que todas as coisas necessárias, isto é, água, moinho, horta e os diversos ofícios, se exerçam dentro do mosteiro, para que não haja necessidade de os monges vaguearem fora, porque, de nenhum modo convém às suas almas. Queremos que esta Regra seja frequentemente lida na comunidade para que nenhum irmão se escuse por ignorância.” A relação entre espaço, pessoas e coisas é complementar e integrativa, quer seja no nome – santuário São Bento da Porta Aberta, quer seja nos atos dotados de sentido que enlaçam a religião, o espaço⁴, as coisas e as pessoas.

⁴ Pesquisadores/as estão atentos ao espaços enquanto termo dotado de conceitos e perspectivas. Além de Knott (2005 a; 2005b) e Pallasmaa (2011) cuja perspectiva é adotada neste artigo outras perspectivas são postas para reflexão, como pode ser verificado por exemplo, nas pesquisas de Carlos de Almeida (2023) ou a partir da perspectiva geográfica como ponderado por Marcos Henrique Aguiar (2022).

Ao indagar um amigo português sobre o motivo do nome “santuário de São Bento da Porta Aberta”, ou seja, o motivo da “Porta Aberta”, a resposta foi imediata: “pois, a porta está sempre aberta aos que por ali passam”. Por aqui terão passado peregrinos que faziam o Caminho de Santiago, e o templo mantinha as portas abertas, de noite e de dia, como forma de acolhimento; daí advém o seu nome, São Bento da Porta Aberta, porta que nunca se fecha. (Santuário, 2024). A porta, enquanto materialidade, está grafada no nome do santuário, situando a importância da materialidade – porta – no fenômeno, é uma referência material dotada de sentido, pois comunica um objetivo – acolher todas as pessoas – e anuncia afeto. Na obra organizada por Renta Menezes e Rodrigo Toniol, o antropólogo Toniol, no seu texto, nos ensina que “a religião material não é uma opção pelo concreto que esvazia a relevância dos humanos na descrição e análise do religioso” (Menezes; Toniol, 2021, p. 26). Ao contrário, a religião material é uma opção pelo concreto dotado de sentido e afetividade, pela relevância material na relação com os corpos e com o espaço, na vivência religiosa.

Santuário de São Bento da porta aberta: a materialidade e espaço

Diariamente peregrinos e pessoas visitam o santuário de São Bento da Porta Aberta. Para melhor compreender a relação entre materialidade, corpos e espaço na vivência religiosa, realizamos observação participante. Afinal, o alerta de Greschat acerca do fazer científico do cientista da religião nos parece oportuno, especialmente porque esta pesquisa reflete sobre as materialidades.

Cientistas da religião que trabalham apenas com textos são como cegos que falam de paisagens que lhes foram descritas, em palavras, por pessoas que podem ver. Abandonando essa postura, esses cientistas parariam de se referir às religiões alheias de “olhos fechados” (Greschat, 2005, p. 77).

A nossa observação participante não acompanhou nenhuma celebração litúrgica dos sacerdotes católicos, ou seja, cerimônia oficial. As principais peregrinações do Santuário são celebradas em 21 de março (Morte de S. Bento), 11 de julho (Festa de Padroeiro da Europa), 10 a 15 de agosto (Grande Romaria Popular). O Santuário celebra a 12 de julho, desde 2014, a festa de S. João Gualberto Padroeiro das Florestas. (Santuário, 2024). No complexo do Santuário há uma capela de Confissões, posto de atendimento médico e um parque denominado Parque de São Bento, com uma área de 2,39 hectares. (Santuário, 2024). Priorizamos a observação na espontaneidade das pessoas, ao próprio modo, de maneira pessoal e singular, movidas por crenças e afetividades na relação com as coisas, vivenciam experiências religiosas naquele espaço, que, para elas, é dotado de sentido e por isto são afeitas ao santuário. Patrícia Rodrigues de Souza (2019) em seu trabalho doutoral sobre religião material, menciona, dentre outros, o contato com objetos, o contato com imagens, com coisas dotadas de sentido como dimensão a ser percebida nos estudos de religião.

O santuário é composto por múltiplos espaços – basílica, cripta, sala de confissões, enfermaria, parque, etc. A nossa reflexão se concentrou sobretudo na basílica e na cripta, pois observamos que o cerne da vivência é a imagem de São Bento, especialmente a que

se situa na basílica. Internamente, a basílica é ornada por pinturas de flores, anjos, uma rica ornamentação que se concentra no teto. Nas paredes, o destaque são os azulejos. A basílica tem o altar coberto por azulejos brancos com pinturas azuis, os quais retratam a vida de São Bento.

Foto 3: Azulejo com passagem da vida de São Bento



Fonte: Foto da autora, 2024.

Os azulejos são muito apreciados pelos portugueses e encontrar painéis com belas pinturas nas paredes de igrejas católicas é uma recorrência em Portugal, especialmente com pinturas em tons azuis. Na parede interna da cripta, igualmente existem painéis de azulejos que também retratam a vida do santo, porém, os painéis concentram cores variadas.

Foto 4: Painéis na Cripta sobre a vida do santo



Fonte: Foto do site do Santuário, 2024.

O painel acima – “O milagre da foice”, é o terceiro do total de dez painéis de azulejos retratando a vida do santo. Conta-se que o painel narra o episódio da foice, perdida no

lago, e que foi recuperada por S. Bento: mergulhou o cabo da foice esta foi ao seu encontro, podendo assim, o monge continuar a trabalhar. O trabalho é um dos componentes da regra beneditina, a que se alude no lado direito deste painel (santuário, 2024). De acordo com Tônia Matosinho (2016), o azulejo remete a presença moura na Península Ibérica.

No século XIV, o azulejo surge na Península Ibérica através dos mouros. Sua presença em Portugal data do final do século XV, quando, em 1498 o rei D. Manuel I visita a Espanha e se encanta com os azulejos hispano-mouriscos, importando-os de oficinas de Sevilha para compor o conjunto do Palácio Nacional de Sintra. Desde então, ao longo de cerca de cinco séculos, o azulejo vem sendo largamente desenvolvido em terras lusitanas, e acabou se tornando uma arte nacional. José Meco vem nos relatar o período em que se adotou o azul⁵, cor que até hoje representa a azulejaria típica de Portugal (Matosinho, 2016, p. 3).

O azulejo tem utilidade decorativa, mas também arquitetônica no sentido de impermeabilizar a fachada das construções (Meco, 1985), também proporciona um melhor acabamento estético (Bazin, 1983), sendo utilizado nas igrejas com o intuito também de protegê-las (Barata, 1955). A utilização dos azulejos revela aspectos arquitetônicos e culturais portugueses, muito difundidos na região Norte de Portugal. Esses elementos materiais são associados como modos de expressão artística sacra, retratando narrativas religiosas.

Assim, os painéis de azulejos tornam-se materialidades dotadas de sentido e vivências religiosas. No Brasil, assim como em Portugal, várias igrejas possuem painéis que retratam narrativas religiosas. (Ribeiro, 2015). Ao serem contemplados, com movimentos de mãos que se aproximam, mas não tocam os painéis, promovem nas pessoas o ver pelo tato (Pallasmaa, 2011), um tato que fisicamente não se concretizou, mas emocionou. Comumente em Portugal, em vários locais que utilizam azulejos pintados para contar narrativas, existem alertas informativos, para que os azulejos não sejam tocados, no intuito de preservar a arte pintada. Foi possível perceber que ser afetado não exige toque, mas consegue rememorar memórias dotadas de afetividade e, por isto, geram emoção. Em algumas igrejas há avisos solicitando que as pessoas não toquem nos azulejos para preservação. É possível que o azulejo com a vida do santo retratada assume materialidade para as pessoas. A emoção ressoa nas pessoas, como se tivesse ocorrido o toque, o tato subjetivo marcado pela crença, o que remete ao conceito de memória religiosa e afetividade (Ritz, 2023a e 2023c). É a memória religiosa conservada que promove nas pessoas, ao ser acionada, a vivência religiosa por meio da materialidade – naquele contexto, os painéis de azulejos. Por isso, Basílica Menor e também na cripta, algumas pessoas começavam a mover os lábios silenciosamente, como que em oração durante a contemplação dos painéis e suas narrativas religiosas.

Na cripta observamos um silêncio estrondoso. Durante a nossa permanência, o fluxo de pessoas não era intenso e aquelas que adentravam, andavam lentamente, como se não quisessem romper com o silêncio da cripta. Algumas pessoas estavam sentadas nos

5 Dentre os diversos traços herdados da cultura islâmica temos o azulejo, palavra de origem árabe *azzelij* (ou *al zuleycha*, *al zuléija*, etc.) e significa “pequena pedra polida”. Tamanha é a identidade do azulejo azul, que associam erroneamente a palavra “a ulejo” ao “a ul” (cor). [...] (Matosinho, 2016, p. 3).

bancos em silêncio e contemplação daquele conjunto de materialidades. Uma senhora cadeirante se dirigiu, acompanhada de pessoas que pareciam ser seus familiares, até o altar e parou diante da imagem de São Bento, fez suas orações inaudíveis e estendeu as mãos em direção a São Bento. Em seguida, retornou pelo amplo corredor, visivelmente emocionada, mas em silêncio.

Foto 5: Altar da Cripta e imagem de São Bento



Fonte: Foto da autora, 2024.

Na basílica menor observamos um fluxo maior de pessoas, especialmente na lateral esquerda externa, onde formava-se uma fila e o destino era um acesso via escada, ao altar principal que fica em plano elevado. O objetivo era chegar perto da e tocar a imagem de São Bento. Havendo ou não celebração litúrgica na basílica, as pessoas seguem subindo a escada e visitando em grande fluxo a imagem que se situa na basílica. A saída é pelo outro lado direito. Uma vez tendo subido ao altar, será necessário passar na frente de São Bento. A centralidade é a imagem de São Bento, que sobre a mão esquerda ergue a regra dos beneditinos, cujo livro aberto lê-se: *Ora et Labora*. Além disso, o santo traça elementos episcopais – mitra, báculo, cruz peitoral e anel. A frente da imagem, um gasofilastro (caixa ou cofre utilizado para recolher ofertas, doações e dízimos em igrejas) recolhe doações e cravos vermelhos.

Foto 6: Imagem de São Bento na Basílica



Fonte: Foto da autora, 2024.

Para aquelas pessoas, a materialidade da imagem⁶ é santa. Tocar a imagem simboliza tocar o santo e ser afetado pela virtude creditada ao santo. Por isso, as pessoas se curvam diante da imagem. As pessoas são tomadas por profunda emoção, que se expressa em carinho na face do santo, toque seguido de lágrimas, orações, olhares reverentes, cumprimento silencioso com a cabeça e mãos que se movimentam saudando o santo. A materialização da memória na vivência religiosa revela experiência de afeto ao ser afetada pela materialidade do ícone, que é constituinte do sentido e da experiência religiosa entre a intimidade da pessoa e o santo, que transcorre no cerne da memória e se concretiza no espaço físico do altar, considerado sagrado.

Nos estudos da religião material, Kim Knott (2005a, p. 160) abordou a relação entre espaço, religião e sentido, e, ao não limitar o espaço ao ambiente físico, o amplia para o âmbito mental, assim como ocorre com a identidade. Isto é, não é qualquer espaço geográfico, mas o espaço religioso dotado de sentido, de materialidades, cujas pessoas vivenciam experiências religiosas afetivas e constituem memórias que consolida aquele e não outro lugar, como santuário, como sagrado, para as pessoas e suas vivências religiosas. Nos termos propostos por Juhani Pallasmaa (2011, p. 10) seria não apenas o sentir, mas o enxergar por meio do tato, da pele, que revelam o que foi visto, tocado e sentido.

Tentei expressar a importância do tato para experimentarmos e entendermos o mundo, mas também busquei provocar um curto-circuito conceitual entre o sentido dominante da visão e do tato, a modalidade reprimida dos sentidos. Após escrever o texto original, soube que na verdade nossa pele é capaz de distinguir diversas cores; nós realmente vemos com a nossa pele (Pallasmaa, 2011, p. 10).

Trata-se de uma discussão mais concisa das dimensões fenomenológicas fundamentais da experiência humana, possíveis por meio da arquitetura. Por isso, Kim Knott (2005b) utiliza da arquitetura para abordar as representações do espaço, afinal, o estilo arquitetônico marca não apenas uma época, mas traça também um objetivo a ser alcançado, uma experiência que anseia propiciar, reverbera traços culturais, se constitui histórico e foro do agir histórico das pessoas que vivenciam experiências naquele local. Talvez essa seja a razão de a basílica ser o espaço de preferência no encontro com a imagem de São Bento, pois remete à história, à cultura e à memória religiosa.

A experiência da corporeidade exige o espaço e a experiência ocorre no espaço, sendo sentida pelo corpo, constituintes da integralidade da vivência religiosa. Os espaços são projetados para que o corpo tenha a experiência (Souza, 2019, p. 136). Nesse cenário formam-se também as memórias (Ritz, 2023c). “A religião se expressa sob formas simbólicas que se desdobram e se aproximam no espaço: é somente assim que temos a certeza de que ela subsiste” (Halbwachs, 2006, p. 185). O espaço é parte estruturante da memória (Halbwachs, 2006) mas também das identidades (Ritz, 2023c).

A materialidade da imagem de São Bento, com a narrativa simbólica da porta sempre aberta às pessoas que o procuram ao longo da história e das memórias, faz daquele espaço e daquelas materialidades algo único em experiências para as pessoas que vão

6 Para estudo sobre imagem e catolicismo popular, veja Passos (2002).

e retornam sucessivas vezes ao longo da vida para rever São Bento. Em pesquisa realizada nos santuários de São Bento em Portugal, Carla da Conceição Machado (2017) verificou pluralidade religiosa.

Sobre a peregrinação ao Santuário, nos anos 50 do século passado um jovem católico que participasse numa peregrinação significava assumir publicamente a sua identidade e reforçá-la. [...] O mesmo não acontece nos nossos dias. Hoje, emerge a figura do “peregrino flutuante” cujo vínculo religioso é menos acentuado (Machado, 2017, p. 25).

A presença de pessoas com identificações religiosas variadas, não restrita ao catolicismo, incluso pessoas que não têm uma identificação religiosa, revela que a visita, ou a peregrinação ao Santuário, não é apenas uma prática católica, mas uma experiência religiosa que se assenta sobre uma memória religiosa que, por meio da materialidade da religião, possibilita a vivência religiosa que não é de uma determinada tradição, mas é da pessoa. Isso quer dizer também que é possível a vivência religiosa desinstitucionalizada, ainda que em um ambiente de instituição religiosa. Outrossim, é possível a vivência religiosa por pessoas desinstitucionalizadas religiosamente, em ambiente de instituição religiosa, sem que isso se configure em uma identidade religiosa, mas que transcorre em razão da memória religiosa conservada, vivenciada em um espaço religioso coletivo, mas na pessoalidade da individualização da crença daquela pessoa por meio da materialidade religiosa.

As coisas não ofuscam as pessoas, pelo contrário, integram as pessoas com as materialidades e por isto, despertam afeições. “Pessoas alocam poder às coisas, entram nele e cultivam relações com coisas e lugares, organizam as suas vidas em torno da experiência com coisas e lugares” (Mayer; Morgan, 2010, p. 63). A geografia da religião trata da relação entre religião e espaço (Souza, 2019), mas o que faz a religião material trazer um enfoque distinto é a relação entre o sentido das materialidades e o espaço a partir da relação com os corpos, que gera emoções, porque somos indubitavelmente corpos.

Assim, os azulejos e as imagens são materialidades que se situam no espaço que também é materialidade no ato relacional com os corpos que dotam de sentido a experiência daqueles que passam pelo espaço e se relacionam com as coisas. A relação entre espaço, coisas e corpos, que resultam em afetividade e constituem cenas da vida que se consolidam na memória dos indivíduos e, por conseguinte, na memória coletiva (Halbwachs, 2006). Afinal, a memória duradoura se assenta na afetividade da experiência vivida (Ritz, 2023b), ainda que seja em um contexto de desinstitucionalização e de individualização da crença.

O santuário, enquanto espaço gerido pela igreja católica, informa em seus canais oficiais que os peregrinos e visitantes levam com frequência oferendas e presentes para São Bento. “Os peregrinos, [também os visitantes] nestas caminhadas orantes, para além do sacrifício, os peregrinos fazem diferentes tipos de ofertas ao Santo Patriarca. Algumas destas ofertas inserem-se numa tradição multissecular, como a oferta do sal, ovos, azeite, figuras de cera, etc.” (santuário, 2024). De fato, são os afetos que movem o anseio por agradecer aquele que é querido, isto é, materializar o sentimento intangível de afeto.

São Bento no coração do Minho: coisas, cravos e afetos

“Plantado no coração do Minho”, São Bento da Porta Aberta é lugar preferencial de culto ao fundador dos beneditinos” anuncia a página oficial do santuário (2024). Trata-se de um santuário que historicamente traz consigo a cultura material minhota. A cultura material na aplicação dos estudos da religião é tratada como “religião material” (Souza, 2019, p. 7). A religião material é percebida em termos cotidianos a partir dos sentidos, das emoções (De Landa, 2016). Na década de 1990, Manuel de Landa propõe a Nova Materialidade que repercutirá nas ciências sociais como virada material. Assim, Peter J. Bänlein, no artigo *Thinking Religion through things* (2015) intitulará a Religião Material. Veja: (Souza, 2019; 2022).

No santuário de São Bento da Porta Aberta, a observação participante revelou uma predominância de ato relacional, de emoção, perante a imagem de São Bento que se situa na basílica menor, mas não necessariamente com códigos de sentidos que se referem exclusivamente à tradição católica. Trata-se da relação afetiva e devocional estabelecida pelas pessoas em relação à imagem de São Bento. Além da imagem que mostra sua humanidade, importam sobretudo os adornos associados à imagem, pois são estes adornos e objetos que caracterizam o santo e não necessariamente seus traços humanos. Por exemplo, o livro da Regra com a mensagem *Ora et Labora* é distintivo, e, quando associado ao traje e acessórios, comunica a identidade de São Bento. Essas materialidades são constituintes da identidade do santo no reconhecimento pelas pessoas. Isso porque o conjunto de materialidades integra juntamente com o espaço a memória. Afinal, “a religião se expressa sob formas simbólicas que se desdobram e se aproximam no espaço: é somente assim que temos a certeza de que ela subsiste” (Halbwachs, 2006, p. 185).

No santuário de São Bento da Porta Aberta a presença do corvo é um distintivo importante. Aliás, o logotipo do Santuário é um corvo com um pedaço de pão preso no bico, assim como as placas que sinalizam o caminho do santuário aos peregrinos é do corvo preto com o pão no bico, rememorando o “milagre do corvo” (Irmandade de São Bento da Porta Aberta, 2017, p.17). Ao observar as duas imagens de São Bento localizadas na basílica e na cripta, nota-se feições humanas ligeiramente diferentes, mas, os adornos, as vestimentas, situam o santo em apreço, que está sempre na companhia do corvo preto que repousa aos seus pés. Isso é, a materialidade como traço identitário que qualifica a materialidade da imagem. A materialidade dota de sentido as características que personalizam e identificam o santo porque comunica a narrativa da vida do santo. Esse conjunto de materialidade configura a materialidade que se torna tangível na imagem que desperta emoções nas pessoas.

A observação participante verificou a recorrência frequente de pessoas que se aproximavam da imagem para ver de perto, conversar com “São Bentinho”. A intimidade e proximidade afetuosa com o santo é evidenciada na forma carinhosa a que se referem a São Bento. Muitas pessoas, especialmente os minhotos, o tratam por São Bentinho. Mas, cumpre dizer, São Bentinho é sobretudo o São Bento da Porta Aberta. Assim, nessa relação de crença e afeto, a representação material de São Bento recebe muitos cravos, especialmente cravos vermelhos. O cravo é uma flor muito apreciada

em Portugal. Há algumas tradições associadas aos cravos nas festas portuguesas: o Dia da Liberdade e o Dia do Trabalhador. No dia 25 de abril, o cravo vermelho é a cor preferida, pois é símbolo material da Revolução do Cravos, conhecido como 25 de abril. Nas celebrações, a igreja organiza a decoração aos pés do santo preferencialmente com cravos vermelhos.

Foto 7: Imagens de São Bento na Cripta com os cravos vermelhos



Fonte: Foto do site do Santuário, 2024.

As pessoas levam cravos para agradecer por uma graça alcançada, ou pela cura de um “cravo” – termo no português de Portugal para se referir a verrugas. São Bento também é muito clamado para a cura de cancro – termo no português de Portugal muito utilizado para se referir aos cânceres. Dizem que, para curar cravo, São Bento é o santo milagreiro indicado, e, em agradecimento, oferece-se cravos vermelhos, mas também pode-se oferecer cravos para outras curas, ou apenas para agradecer a São Bento. O cravo é um elemento importante na religião material do santuário, capaz de comunicar porque consolida sentidos por meio de uma linguagem reconhecidas pelas pessoas, que se expressa na materialidade, sem que seja necessária a verbalização – para São Bentinho, leva-se cravos.

Na dissertação “Um estudo sobre a peregrinação a São Bento da Porta Aberta” de Paulo António Marques Pereira (2019), o autor interrogou os peregrinos do santuário São Bento da Porta Aberta sobre a relação deles/as com a religião e em seguida com a comunidade. Pereira (2019) também verificou que não são apenas os católicos que vão até o santuário; pessoas sem religião também vivenciam a experiência religiosa no

santuário por meio das materialidades. Isto é, a religião material na vivência religiosa no santuário extravasa a própria instituição e a tradição católicas.

I) Assim, houve um peregrino vindo de Vila Verde que afirma não ser católico, nem praticante, não obstante, respeitar e ter tido um percurso de iniciação cristã, neste momento, apresenta uma relação que considera quase inexistente com a comunidade. [...]

II) Escutando, uma peregrina que se deslocava de Felgueiras, perante a questão da relação com a religião, esta afirma o seguinte: “É assim, eu tenho fé, não é, que alguma coisa exista, por isso é que venho. Mas... é a relação, é isso. Nunca pensei muito bem, não é, por isso não faço a mínima...” No entanto, na relação com a comunidade diz colaborar com a comunidade na organização de eventos de cariz social, mas não costuma ir à eucaristia, alegando não ter tempo. A relação com a comunidade traduz-se mais no âmbito do voluntariado do que na vivência e partilha da mesma fé.

III) Um peregrino vindo de Ponte da Barca que nos responde: “É assim eu (silêncio breve) acredito muito no senhor S. Bento, na Senhora de Fátima, mas não sou... sou católico, mas não sou muito praticante. Sou católico à minha maneira, há certas coisas que acredito muito da religião católica, há outras que não me chama tanto o interesse” (Pereira, 2019, p. 69-70).

Podemos considerar que a religião material, mesmo que ocorra num espaço institucionalizado, é eminentemente da pessoa, e se descortina na sua relação com o espaço, com as materialidade, de modo a dotar de sentido aquela vivência.

Do mesmo modo, a pesquisadora Carla da Conceição Alves Machado (2017), na dissertação intitulada “Caminhos de São Bento” (2017), verificou, por meio de dados empíricos, as motivações dos peregrinos ao irem aos santuários beneditinos. Especificamente em relação ao santuário de São Bento da Porta Aberta, Machado concluiu que “é o local no qual são feitos mais pedidos ao Santo. Os devotos apelam ao Santo para as mais diversas situações” (Machado, 2017, p. 61). A concentração de maior pedidos indica uma relação de maior confiança e afeto por este santuário em razão de qualquer outro santuário beneditino. O grande volume de presentes e oferendas ocorre também porque o Santuário de São Bento da Porta Aberta é um local de peregrinação contínua, o que ocorre ao longo dos 400 anos de existência. “provavelmente o maior afluxo de peregrinos situa-se a partir do século XVIII.” (Santuário, 2024). Desse modo, notamos que não é somente a presença da imagem de São Bento num santuário, mas é aquele santuário, aquela imagem, aquelas materialidades, que ensejam nos corpos emoções, sentidos, vivências e memórias, que creditam ao santuário São Bento da Porta Aberta e suas materialidades, uma maior predileção e afeição entre as pessoas.

Logo, “uma abordagem materialista revela os processos por trás da nomeação e articulação da religião como uma realidade relativamente estável e padronizada, reconhecida tanto por pessoas de dentro, quanto por pessoas de fora” (Vásquez, 2011, p. 8). A relação entre pessoas e coisas que transcorrem no tempo e no espaço é um modo de refletir o fenômeno religioso por meio da religião material. A religião pode ser refletida como um instrumento de modelação da realidade, para produzir e gerir sentido, sendo a materialidade um elo entre corpos e afetos. É a conexão de sentidos do concreto com os corpos que produz a sensibilidade perceptiva do mundo e suas experiências. Esses aspectos são importantes para a perspectiva teórico-metodológica da religião material.

A materialidade está relacionada também com a vivência da religiosidade ou da espiritualidade da pessoa. Geraldo J. A. Coelho Dias trata do sentido das coisas no significado que almejam comunicar. A cera, esta reserva-se para os “casos de males ruins ou doenças desconhecidas, isto é, os cancros. Ou se oferecem brandões [velas de maior porte] como o [...] ou a altura do doente, ou então partes do corpo quando a doença já está determinada” (Dias, 2019, p. 238). A materialidade se relaciona com o objetivo, ex-votos de cera para câncer, o cravo de cores variadas para cura de verrugas ou para agradar a São Bento. Se é um pedido para um terceiro, a foto dobrada ao meio com orações balbuciadas parece ser uma prática comum. Não é possível interpretar com precisão o objetivo que uma pessoa conota ao entregar cravos para São Bento, não sendo adequada a cristalização da materialidade, pois traz consigo sentidos que são atribuídos pelas pessoas.

Na Basílica, o baldaquino [...] que se desvela ao centro do altar, é o foco de todas as atenções. Lá se venera a imagem de São Bento, na qual os peregrinos depositam as suas ofertas e as suas promessas. Cravos multicolores, figuras em cera, produtos agrícolas – entre os quais galinhas, ovos e azeite – sal, e até objetos em ouro e dinheiro, tudo serve de reconhecimento para as graças alcançadas (Santuário, 2024).

No Santuário há a casa dos ex-votos, que são “compreendidos como objetos fabricados e/ou oferecidos a divindade ou entidades sagradas” (Baccetto, 2021, p. 399). O local abriga os ex-votos e outros presentes entregues pelas pessoas à São Bento. Nessas caminhadas orantes, para além do sacrifício, os peregrinos fazem diferentes tipos de ofertas ao Santo Patriarca. A materialidade pode ser vista também na expressão de afeto e gratidão, que se utiliza das coisas tangíveis à demonstração do intangível. A relação de crença, gratidão, devoção, respeito, admiração, etc. pode ser vista e partilhada em comunidade por meio das materialidades, porque a materialidade torna público o que nasce no privado.

No trajeto⁷ até o santuário, a pessoa adentra o caminho que conduz ao local considerado sagrado. A medalha com a cruz de São Bento é vista logo na chegada, no topo de uma das construções. Além da caminhada, esses peregrinos comumente levam consigo presentes e oferendas, externando publicamente sua afeição. Mas, o mesmo ocorre com pessoas que apenas visitam os santuários e não estão na condição de peregrinos⁸. “Os santuários são em si mesmos lugares teofânicos” (Valle, 2006, p. 17). Zeny Rosendahl (2012) ensina que a religião nunca é apenas metafísica. “Romaria, historicamente é o encontro entre a religião do povo e a do clero” (Sanchis, 2006, p. 88). De fato, a observação participante constatou que um grande atrativo na cripta e também na basílica é a possibilidade de tocar o santo, especialmente acariciar sua face.

7 Os possíveis trajetos ao Santuário de São Bento da Porta Aberta e os demais Santuários de São Bento em Portugal são apresentados e detalhados na pesquisa de Machado (2017).

8 A pesquisa realizada em Portugal por Paulo António Marques Pereira (2019) se dedicou à peregrinação ao Santuário.

Fotos 8 e 9: Contemplar e Tocar a imagem de São Bento

Fonte: Fotos da autora, 2024.

Obviamente, há uma cultura material nas práticas religiosas, mas, “a religião material vai além dessa constatação, na medida que se refere à possibilidade de considerar a religião a partir de suas formas materiais e do uso que se faz desses materiais na prática religiosa” (Toniol, 2021, p. 1). Isto é, a junção entre o espaço que constitui o santuário, a imagem de São Bento, os painéis de azulejos, as medalhas com a cruz de São Bento, os cravos, os presentes, as oferendas, etc. não apenas representam a religião enquanto sistema de crenças, mas possibilitam a vivência da religião. Aos serem experimentadas pelos sentidos e emoções, temos a vivência pela materialidade. A materialidade move as pessoas até determinados espaços para a vivência de experiências religiosas que se consolidam em memórias afetivas, por isto se perenizam.

Desde o nascimento historicamente apreensível das romarias portuguesas, no século VII, os sermões de Martinho de Dume, o primeiro Arcebispo de Braga contemporâneo do primeiro reino Suevo que foi núcleo de Portugal, nos mostram um povo que se desloca em direção a montes, a florestas, a rochedos, a fontes – ou às capelas já ali construídas – venerar as relíquias ou as imagens dos santos [...] (Sanchis, 2006, p. 87).

Destarte, a vivência afetiva que se consolida em memória e faz com que a pessoa retorne ao santuário repetidas vezes, sendo também transmitida para descendentes, netos/as, para que juntos se unam na conservação de práticas e vivências como elo de memória. Essa é uma constatação feita no santuário em seus mais de 400 anos, ornado pelos cravos. A afirmação “São Bento está no coração do Minho” se refere à posição geográfica do santuário e conota também a relação de materialidade e afetividade das pessoas para com “São Betinho”.

Considerações finais

O santuário São Bento da Porta Aberta é o segundo mais visitado de Portugal, sendo o primeiro o santuário de Fátima. Neste artigo, a perspectiva teórica-metodológica adotada é a da religião material. Compreendemos que a religião material é uma perspectiva

teórico-metodológica útil para os estudos em ciência da religião. A materialidade da religião nos mostra que a relação entre coisas, corpos, espaço e emoções é uma relação manifesta não apenas como representação da religião, mas como modo de vivência e de experiência da religião. Destacamos as materialidades observadas no santuário, seus sentidos que possibilitam vivências religiosas.

A relação pessoal das pessoas com o São Bento da Porta Aberta é uma característica evidenciada no santuário, sendo expressa no espaço, pelos corpos, pelos sentidos, pelas coisas. São múltiplas as emoções e sentidos manifestos no santuário e que comunicam crença, respeito, admiração, gratidão e especialmente memórias afetivas por meio de vivências religiosas. A própria composição identitária de São Bento na sua representação em imagem ocorre por meio das materialidades. As pessoas, diante de São Bentinho, olham fixamente para o santo, tocam-lhe com delicadeza a face, entregam cravos após beijá-los, depositam fotos, choram, os corpos e as coisas comunicam a afetividade. São Bentinho está especificamente no santuário São Bento da Porta Aberta, local de peregrinação, mas, também, local de visitação, porque a porta está aberta para todas as pessoas, o tempo todo, acolhendo pessoas, gerando emoções, produzindo comunicando afeto no “coração do Minho”.

Referencias

AGUIAR, Marcos Henrique. Evolução de um conceito: breves considerações sobre o espaço. *Revista Continente*, v. 1, n. 20, p. 148-162, out. 2022.

ALMEIDA, Carlos de. *A Catedral da Sé e o Templo de Salomão: geossímbolos arquitetônicos do poder religioso*. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/36242>. Acesso em: 08 out 2024.

AMMERMAN, Nancy Tatom. *Studying lived religion. Contexts and Practices*. Nova York: University Press, 2021.

BACCETTO, Lucas. Os ex-votos e as provas dos milagres as materialidades dos poderes dos santos católicos. In.: MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo. *Religião e Materialidades (Org.)*. Novos horizontes empíricos e desafios teóricos. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições: 2021.

BARATA, Mario. *Azulejos no Brasil Azulejos no Brasil séculos XVII, XVIII e XIX (Doutorado em Belas Artes)*, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1955.

BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

CHAUVIN, Sebastien; JOUNIN, Nicolas. A observação direta. In: PAUGAM, Serge (Coord). *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Vozes, 2015. pp. 124-140.

DE LANDA, Manuel. *The assemblage theory*. Edinburgo: University Press, 2016.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. O culto popular de São Bento: uma forma de terapêutica religiosa. *História: Revista Da Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto*. Porto, 2019.

GRESCHAT, Hans Jung. *O que é ciência da religião?* São Paulo: Paulinas, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Editora Centauro, 2006.

IRMANDADE DE SÃO BENTO DA PORTA ABERTA. *Vida, obra e milagres de São Bento*. Gerês: Gráfica Diário do Minho, 2017.

KNOTT, Kim. *The location of Religion. A spatial analysis*. New York: Routledge, 2005a.

KNOTT, Kim. Spatial theory and methods for the study of Religion. *Temenos. Nordic Journal of Comparative Religion. The finnish Society for the study of Religion*. v. 41, n. 2, 153-184, 2005b.

MACHADO, Carla da Conceição Alves. *Caminhos de São Bento*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade do Minho, Braga: 2017.

MATOSINHO, Tônia. *Azulejaria e a influência portuguesa nas cidades brasileiras*. *Revista Lugar Comum*, nº 46, 2016.1.

MECO, José. *Azulejaria portuguesa*. Lisboa: Bertrand Editora, 1985.

MENEZES, Renata; TONIOL, Rodrigo. *Religião e Materialidades. Novos horizontes empíricos e desafios teóricos*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens Edições: 2021.

MEYER, Birgit; MORGAN, David; PAINE, Crispin; PLATE, S. Brent. The origin and mision of material religion. *Material Religion*, 40. p. 207-201, 2010.

PASSOS, Mauro. O catolicismo popular. In: PASSOS, Mauro (Org.) *A festa na vida: significados e imagens*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PALLASMAA, Juhani. *Os olhos da pele. A arquitetura e os sentidos*. Porto Alegre: Bookman, 2011.

PEREIRA, Paulo António Marques. *Meu irmão peregrino, façamos caminho: Um estudo sobre a peregrinação a São Bento da Porta Aberta*. Dissertação (Mestrado em Teologia). Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2019.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. Os azulejos da Misericórdia: a imagem documento na história da cultura religiosa luso-brasileira. *Escritos e Imagens do Mundo Luso-Brasileiro (Séculos XIII-XVIII)*. *História* 34 (1). Jan-Jun 2015.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. *Pessoas sem religião com crença: A urbanização e a fragilização da herança religiosa*. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 333-335, 2023a.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. Contribuições de pessoas sem religião com crença sobre religião e espiritualidade. *Reflexus*. Ano XVII, n. 2, 2023b.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. Eu sou sem religião com crença. A fragilização da herança religiosa e conservação crença como elo de memória. Tese (Doutorado em Ciências da Religião e Estudos da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e Universidade Católica Portuguesa. Belo Horizonte/Braga, 2023c.

ROSENDAHL, Zeny. Primeiro a obrigação depois a devoção. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2012.

SANCHIS, Pierre. Peregrinação e Romaria: um lugar para o turismo religioso. *Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano 8, n. 8, p. 85-97, outubro de 2006.

SANTUÁRIO SÃO BENTO DA PORTA ABERTA. História do Santuário e Fotografias. Disponível em: <https://www.sbento.pt/pt/hp/basilica/> Acesso em 04 abril 2024.

SOUZA, Patrícia Rodrigues. Pensar a religião através das coisas: materialidade religiosa e decolonização. *REVER – Revista de Estudos da Religião*, São Paulo. v. 22. n. 2, 2022.

SOUZA, Patrícia Rodrigues. Religião material: o estudo das religiões a partir da cultura material. Tese (Doutorado em Ciência da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

STEIL, C. Alberto. Peregrinação, romaria e turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSSUR, Edin S. Turismo religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo. São Paulo: Papirus, 2003. pp. 29-52.

VALLE, Edênio. Santuários, romarias e discipulado cristão. *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 4, n. 8, p. 31-48, jun. 2006.

VASQUEZ, Manuel A. More than belief. A materialist theory of religion. Oxford: Oxford University Press, 2011.

Recebido em: 30/06/2024.

Aprovado em: 17/10/2024.

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: Patrícia R. Souza.